

O matador
de gigantes



O matador de gigantes



A.L.O.E.



São Paulo, SP

Copyright © 1868, A.L.O.E.

Título do original: The Giant killer, or the battle which all must fight

Todos os direitos desta edição reservados para

EDITORA GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP, — CEP 01.311-927

www.editoragadel.com.br

1.ª edição, 2024

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Tradução de texto: *Jorge A D Romero*

Edição e revisão de texto: *Paula Jacobini*

Capa e diagramação: *Marcos Jundurian*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A.L.O.E.

O matador de gigantes / A.L.O.E.; [tradução Jorge A. D. Romero]. – São Paulo: Editora Gadel, 2024.

200 p.: il., 21 cm

Tradução de: The giant killer, or the battle which all must fight

ISBN 978-65-981342-9-7

1. Cristianismo - Literatura infantojuvenil I. Título.

24-217739

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Cristianismo : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Cristianismo : Literatura juvenil 028.5

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415








Sumário



Prefácio	7
1. A chegada.....	9
2. Primeiras impressões	21
3. Gigante Preguiça.....	31
4. Gigante Egoísmo.....	41
5. O Gigante Mentira.....	61
6. Provações e dificuldades.....	77
7. Domingo em Dove's Nest	93
8. Gigante Ódio	113
9. Justa Gratidão.....	131
10. A excursão de lazer.....	147
11. O prisioneiro na escuridão.....	167
12. Gigante Orgulho	181





Prefácio

Meu objetivo ao escrever este pequeno volume foi induzir a criança desatenta a pensar; e, para esse propósito, a alegoria há muito tempo é considerada adequada por aqueles em cujos passos eu humildemente me esforço para trilhar. Os poderes da mente são despertados pelo esforço de penetrar em um mistério.

No entanto, considero as descrições da guerra cristã a seguir não quadros acabados, mas sim esboços a serem preenchidos, não apenas pela imaginação da criança, mas pelas sugestões daqueles a quem ela é confiada. Eu gostaria de pedir sinceramente a essas pessoas que usem a “palavra oportuna” (Pv 15.23) para apontar a moral, para aplicar a lição; acima de tudo, para explicar as alusões às verdades mais elevadas e sagradas da religião que considerei

irreverente introduzir mais abertamente no que tem tanto a aparência de um conto de fadas. A espada, a armadura, o próprio nome do campeão, a força que ele recebeu, a coroa que ele deveria usar no final de seus trabalhos, *mas não como recompensa*, servirão como exemplos dessas alusões, que um pai sábio e piedoso pode transformar em lições muito valiosas. Com base na experiência que tive com crianças, tenho certeza de que um conto alegórico provavelmente será atraente para suas mentes; mas depende muito da influência das pessoas ao seu redor se elas obterão dele apenas a diversão passageira de uma hora ou a sólida instrução sobre a verdade sagrada que o Autor anseia transmitir.

A. L. O. E.



Capítulo
1

A chegada

— Bem, espero que finalmente estejamos perto do fim de nossa viagem! — exclamou Adolfo Probyn, com um longo e cansado bocejo, enquanto a carruagem que levava seu irmão e ele da estação passava lentamente por uma tranquila estrada rural.

— Você está com muita pressa para chegar lá — disse Constantin, colocando os polegares nos bolsos do paletó e apoiando os pés no assento oposto — mas não acredito que você vá gostar do lugar quando o vir. Detesto ser mandado para um tutor particular; eu preferia ter ido para uma escola comum, logo.

— Não tenho certeza disso — disse Adolfo, que tinha vagas ideias em sua mente acerca da escola, sobre tarefas braçais pesadas para os alunos mais novos, bolinhos duros e bancos de madeira.

— De uma coisa eu sei — exclamou o irmão — tenho certeza de que não vou gostar desse tutor de todo o meu coração.

Adolfo não se deu ao trabalho de perguntar suas razões, mas Constantin continuou sem parar para ser questionado.

— Eu não iria gostar de ninguém recomendado pela Tia Lawrence — ela é exigente demais, acha que muitas coisas estão erradas, gosta muito de bons livros e palestras, e esse tipo de coisa. Ela colocou na cabeça do papai que éramos mimados e precisávamos de alguém para nos manter na linha, e encontrou esse pobre pastor do interior.

— Pobre; lamento que ele seja pobre — observou Adolfo — ele não nos dará nem um pouco de conforto como tínhamos em casa. Eu me pergunto se não haverá uma ceia depois do jantar, mais tarde.

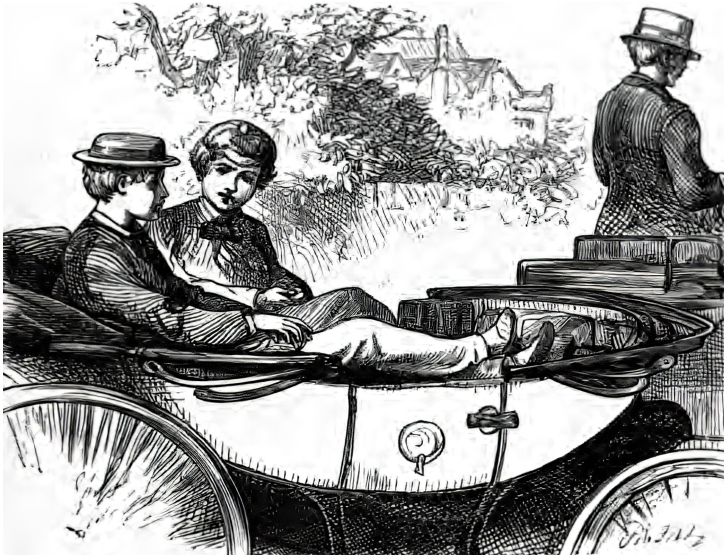
— Ah, você pode esquecer isso! — exclamou seu irmão — Toda a família almoçará junta ao meio-dia com carneiro cozido e pudim de arroz, ou bacon e feijão! — Adolfo suspirou. — E será trabalho, trabalho, trabalho, de manhã até a noite, sem nada além de longos sermões, longas aulas e longas caminhadas; e

se formos fazer ninhos de pássaros ou nos divertir um pouco, não vamos nos dar bem – é só isso!

– Finalmente chegamos! – disse Adolfo, quando a carruagem parou em frente a uma pequena porta verde.

Constantin colocou a cabeça para fora da janela.

– Sem entrada para carruagem – murmurou ele – deve ser um lugar bem simples!



O fim da jornada.

Logo que o cocheiro tocou a campainha, quebrando a quietude daquele local silencioso, a porta verde foi escancarada e um menino de cerca de onze anos apareceu com um largo sorriso de boas-vindas no rosto.

— Estou tão feliz que tenham vindo! Estávamos esperando por vocês para jantar; deixe-me ajudar com isso — acrescentou, enquanto o cocheiro fazia os preparativos para levantar um baú preto que manteve consigo no seu assento.

Constantin saltou da carruagem; seu irmão gêmeo desceu mais lentamente e, sem se preocupar com a bagagem ou prestar muita atenção em seu novo companheiro, eles seguiram pelo estreito caminho de cascalho que levava à entrada da casa.

Parecia ser uma casinha encantadora, embora bem pequena, com a luz do sol brilhando através das rosas entrelaçadas nas janelas com painéis em forma de diamante, que se infiltravam sob o telhado baixo de palha. Teria ficado muito bem em um quadro; não havia uma única chaminé que não estivesse moldada em uma forma elegante; toda a construção, aninhada entre as árvores e enfeitada com trepadeiras, poderia ter servido de modelo para um pintor. Mas, à medida que Adolfo olhava com curiosidade para sua nova casa, ela se parecia com um brinquedo muito ampliado, e ele começou a se perguntar onde poderia haver espaço para ele e seu irmão, especialmente quando viu duas

meninas na varanda observando sua chegada com um olhar de tímido contentamento.

No entanto, meninos de dez anos raramente ficam muito tempo preocupados com pensamentos como esses, e a atenção do jovem Probyn foi quase imediatamente desviada pela aparição do Sr. e da Sra. Roby, que se adiantaram para receber seus convidados em Dove's Nest. O primeiro era um cavalheiro alto e pálido, com uma postura curvada, uma testa alta e um ar pensativo, que imediatamente impressionou os dois garotos com a ideia de que um estudioso muito erudito estava diante deles. A Sra. Roby, ao contrário, era robusta e um tanto baixa, com um olhar alegre e brilhante nos olhos escuros, ao qual correspondiam as covinhas em suas bochechas; havia gentileza no aperto de sua mão e uma animação alegre em todo o seu modo de agir que fazia com que seus convidados se sentissem em casa com ela imediatamente.

— Vejo que meu Aleck já se apresentou a vocês — disse ela, sorrindo — mas aqui estão outras amiguinhas felizes em vê-los e ansiosas, tenho certeza, para fazê-los felizes. Bertha, Laura, minhas queridas — continuou ela, colocando a mão carinhosamente na cabeça encaracolada da criança mais nova, a pequena imagem de si

mesma com seus olhos brilhantes e olhar alegre — vocês devem dar as boas-vindas a esses jovens cavalheiros.



A recepção.

Os Probyns logo foram levados ao quarto que dividiriam com Aleck e, embora o teto fosse baixo e inclinado em um dos lados e a única janela fosse certamente pequena, não há quem pudesse encontrar defeitos em um aposento tão bonito — mesmo meninos tão difíceis de se agradar. Tudo era tão lindamente limpo e arrumado, e pela janela aberta entrava um ar tão doce, enquanto o tilintar distante de um sino de ovelha e o

canto dos pássaros das árvores vizinhas criavam uma música deliciosa, depois do barulho de uma ferrovia ou do incessante rolar das carruagens em Londres.

O jantar, ao qual os Probyns rapidamente se entregaram, foi excelente, embora simples; e Adolfo, em especial, que logo conseguiu descobrir que não haveria uma ceia depois do jantar, fez ampla justiça à boa acolhida após sua longa viagem, até mesmo esquecendo-se dos vários pacotes de sanduíches e bolos que havia dado um jeito de levar consigo no caminho para lá.

Como estavam um pouco tímidos no início, e sob o olhar do Sr. Roby, os meninos se comportaram bem, e tudo transcorreu de forma muito harmoniosa. Laura, na verdade, teve que se espremer bem perto da mãe para evitar os cotovelos de Constantin, e abriu os olhos alegres mais do que o normal quando Adolfo, vendo que a torta de ameixa estava desaparecendo rapidamente, empurrou seu prato para uma segunda porção antes de ter terminado a primeira. Mas nenhuma das duas faltas de boas maneiras foi notada abertamente; aquele não era o momento de encontrar falhas.

O Sr. Roby permaneceu sentado, quieto e atento, e suas duas filhinhas pouco falaram; mas a mãe

conduziu a conversa, à qual Aleck se juntou livremente, e, antes que o jantar terminasse, os Probyns já estavam bem à vontade.

— Teremos muitas coisas para lhes mostrar — disse Aleck — papai nos deu uma tarde de folga em honra à sua chegada.

— Eu gosto muito de curry de coelho — interrompeu Adolfo.

— Ah, mas você não vai comê-los! — exclamou a pequena Laura alarmada, chocada com a ideia de cozinhar seus favoritos.

— E lá está o jardim — continuou Aleck — fizemos dois arcos sobre o caminho de cascalho, e lindas trepadeiras estão entrelaçadas ao redor deles; e há um esplêndido caramanchão no final dele — nós mesmos ajudamos a pavimentá-lo com pedrinhas.

— E há uma vaca! — exclamou Laura — vocês a verão sendo ordenhada!

— Então vamos ter sobremesa de creme de leite batido com vinho, isso sim! — exclamou Adolfo.

As pequenas Robys olharam uma para a outra e depois para a mãe, espantadas com uma proposta tão ousada e incomum. A senhora, para surpresa deles, consentiu sorridente e serviu-lhes uma taça

quase cheia de vinho caseiro, enquanto preparava esse inusitado deleite.

— Isso não é tão ruim — pensou Constantin — ousou dizer que vamos nos divertir um pouco aqui. Vou gostar de provocar um pouco aquela senhorita Bertha toda certinha, que parece pensar que é errado abrir a boca; e vamos colocar o mestre Aleck em seu lugar — deu para perceber que ele se acha muito esperto.

— Isso é muito melhor do que a escola — foi a reflexão de Adolfo. — O mestre parece bastante gentil, a senhora é o retrato da boa índole, e essas pessoas não parecem estar maltrapilhas, embora certamente sejam pobres.

Sim, o Sr. Roby era pobre; mesmo que sua renda fosse o dobro do que tinha sido, uma pessoa tão generosa e benevolente ainda seria pobre. Ele não podia se dar ao luxo de dar a Aleck, seu único filho, a oportunidade de frequentar uma escola, mas isso não parecia ser um infortúnio para o afetuoso pai; ele preferia conduzir a educação de seu filho ele mesmo. Aleck era naturalmente inteligente e, sob o cuidadoso treinamento de seu pai, havia feito um progresso incomum em seus estudos. Se havia alguma coisa na face da terra da qual o pastor se orgulhava, eram os

talentos e a bondade de seu filho. Por mais calmo e reservado que o Sr. Roby fosse, não era uma provação pequena para ele introduzir estranhos em seu pacífico lar, embora esses estranhos fossem sobrinhos de um amigo íntimo; era um sacrifício pela inclinação ao dever. Mas sua esposa, ao encorajá-lo a fazer esse sacrifício, tinha outras razões além de aumentar seus pequenos recursos ou agradar a tia dos Probyns. A Sra. Roby, com seu claro senso comum, viu que não era bom para seu Aleck não ter outra companhia além de suas irmãs. As duas eram mais novas do que ele e o admiravam em tudo. Ele as ajudava em suas lições, tomava a frente em suas diversões e era amado por elas com o maior carinho. Não é de se admirar que o menino estivesse se tornando um pouco mimado; ele era muito importante no tranquilo ambiente familiar; não podia deixar de sentir que seus pais tinham orgulho dele, que suas irmãs o consideravam alguém que dificilmente poderia fazer algo errado; ele gostava demais de dar sua opinião, muito autoconfiante, e sua mãe percebeu isso. No entanto, seu olhar de afeição era parcial e não fazia ideia de quantas vezes aqueles que estavam agradando o marido ao elogiar os talentos e as virtudes incomuns do filho, pelas suas costas, falavam

dele como “um garoto convencido, que adorava ouvir a si mesmo falar, que estava arruinado por ter sido criado em casa e que nunca seria bom para nada no mundo”.



Ajudando com as lições.

Ah, como ficaríamos assustados se soubéssemos a diferença entre o que é dito *para* nós e o que é dito *de* nós; que choque nossa vaidade receberia se pudéssemos olhar além do sorriso dos bajuladores e ver seus corações!